



A SIMPATIA

O intenso horror do pesadelo tomou conta de mim, tentei retirar o braço, mas a mão se agarrou à minha e uma voz – a mais melancólica que eu já ouvira – gemia: "Deixe-me entrar, deixe-me entrar!"

Emily Brontë

Eu e a Deise somos muito amigas. Nem preciso dizer que não existem segredos entre nós. Todos os acontecimentos são contados tim-tim por tim-tim, muito embora quase nada de muito extraordinário tenha ocorrido na nossa pacata vida. Nosso bairro tem poucos anos de existência e fica um pouco retirado do centro da cidade. Precisamos caminhar um bocado para chegar à escola. Até que é bom; o grupo de estudantes que sai daqui é bem divertido, quase não sentimos o tempo passar, pois sempre tem alguém contando uma história ou cantando uma música. Nós duas ficamos um pouco para trás, pois temos alguns segredinhos e não queremos que os

demais tomem conhecimento disso. Assim eram os dias. Porém, um fato veio sacudir a paz que, até então, reinava na nossa simples rotina.

Antes de contá-lo, preciso dizer que a Deise adora simpatia. Não sabe o que é? Não estou falando que ela gosta de gente simpática, embora ela goste... Espere que vou explicar. Existe um costume que nem sei de quando vem, mas deve ser muito antigo, de fazer uma coisa para conseguir outra. Não entendeu? Bom, é como se fosse um ritual de magia, mas não é MAGIA, assim, com letra maiúscula, só uma magia-zinha, sem muita responsabilidade. A avó dela sempre dizia:

– Num dia ou noite de temporal, faça uma cruz de sal em cima da mesa, e nada vai atingir a casa.

Ou ainda:

– Se perder algo, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio que num instante o perdido se encontra.

Agora acho que ficou mais claro, não é mesmo?

Minha amiga gastava boa parte da mesada comprando revistas de simpatias. Eu sempre dizia a ela que isso é besteira, crendice, superstição e que, se algo acontece mesmo, é pela mente das pessoas que fica autossugestionada. Quem disse que a Deise aceitava os meus argumentos? Ela dizia:

– Não importa, Manu. Eu gosto de simpatias. Não estou fazendo mal para ninguém. E, de mais a mais, para mim já aconteceram várias coisas. Lembra de quando eu queria que o Jonas conversasse comigo? Eu escrevi o nome dele com mel numa folha de laranjeira e mastiguei sete vezes. O que aconteceu? Em seguida, ele veio falar comigo...

Dia desses, ela me chamou para contar uma novidade. Descobriu um velho livro na biblioteca da escola. A bibliotecária nem lembrava mais que aquele volume estava lá. Todo empoeirado, ficou perdido durante anos atrás de outros exemplares. Só mesmo a curiosidade da Deise para encontrá-lo e resgatá-lo do pó do tempo. Depois de ter passado boa parte da noite lendo, logo pela manhã, ela me disse:

– Manu do céu! Encontrei uma simpatia muito boa. Acho que é tiro e queda para o que estou tramando.

– E o que você tem em mente agora? – perguntei, pensando: o que essa garota está aprontando? – Diga aí, que simpatia é essa?

– Ah! Não posso falar aqui – segredou ela. – Vá lá em casa hoje à noite que te conto.

– Ok. Combinado, então. Às 21 horas tá bom?

– Tá ótimo...

Eu não disse que a mãe da Deise é uma chata? Pensa em chata multiplicada por dez. Nenhum dos colegas de aula visita minha amiga. Por isso, nos encontramos escondido. Como somos vizinhas, eu pulo o muro, dou uma batidinha na janela, ela abre e eu entro. Só assim a megera não nos atrapalha.

Conforme acertado, na hora marcada, escalei a janela do quarto da Deise. Ela foi logo me mostrando o misterioso exemplar que havia resgatado das traças na biblioteca da escola. Não sei por que, mas senti um arrepio estranho ao ver aquele velho livro de capa preta aberto, contrastando com o branco do lençol da cama da minha amiga. Numa empolgação enorme, mostrou-me as inúmeras possibilidades de simpatias contidas naquela publicação. Eu continuava com uma sensação de mal-estar. Falei para a Deise:

– Ai, amiga! Esse livro tá me dando um medo...

– Que nada, sua boba, não tem que ter medo nenhum. É só um livro, nada mais.

– Mesmo assim, ele é sinistro. E que simpatia você quer me mostrar?

– É uma ótima para descobrir a primeira letra do nome da pessoa amada. Aqui diz que, se fizermos a simpatia direitinho, em três dias teremos a inicial daquele que será o grande amor da nossa vida.

– E tem que fazer o quê?

– Ir ao cemitério, no dia de finados, e colher uma flor.

– Que flor?

– Aqui não especifica o tipo de flor. Pode ser qualquer uma.

– E depois?

– Colocar a flor dentro de um livro. No terceiro dia, o suco das pétalas deixará impresso na página a primeira letra do grande amor da vida de quem fez a simpatia.

– Bom, estou fora desse passeio.

– Como assim? Você não vai comigo?

– Tenho pavor de cemitério. Não vou mesmo. Pode convidar outra pessoa. E tem mais. Não quero intimidade com esse livro. Se tive má impressão só de ver, agora mais ainda. Posso te dar um conselho? Devolve esse livro na biblioteca e esquece essa história.

– De jeito nenhum! Se você está com medo, Manu, eu tenho coragem de colher uma florzinha do cemitério. Afinal, que falta vai fazer a um morto uma simples flor?

– Olha, Deise, das poucas vezes que fui ao cemitério, minha mãe mandou que limpássemos os pés ao sair, para que nada de lá nos acompanhasse. Acho

que não é uma boa trazer alguma coisa de lá, ainda mais de propósito.

– Já decidi. Minha mãe já me convidou para ir ao cemitério. Eu vou...

Dois de novembro, dia de finados, sexta-feira. Como era feriado, minha família resolveu visitar uma tia na cidade vizinha. Voltamos na segunda-feira bem cedo. Meus pais me deixaram na escola e foram para casa. Achei estranho que a Deise não tenha ido à aula. Ao voltar do colégio, passei na sua casa. Bati palmas na porta da frente. Veio atender a carrancuda da mãe dela. Perguntei, com toda a delicadeza do mundo:

– A Deise está?

Ela respondeu com a natural antipatia:

– A Deise está doente.

E bateu a porta na minha cara!

Só encontrei minha amiga alguns dias depois. Estava muito abatida, com umas olheiras enormes. Não conseguia dormir direito, acordando a todo o momento. Sentamos para conversar embaixo da grande amoreira que havia no pátio da escola. Deise estava nervosa e me contou o que aconteceu naqueles dias em que não nos vimos.

No feriado dedicado aos mortos, ela e a mãe foram visitar o túmulo da Vó Penha. Chegaram cedo, limparam o local, acenderam algumas velas, colocaram flores para alegrar a tristeza e a saudade que sentiam.

Perto de onde estava sepultada a avó, Deise viu uma enorme touceira de cravo-de-defunto, uma planta que, de tão comum em cemitérios, acabou recebendo esse nome. Ela colheu uma flor, escondeu dentro da bolsinha que levava a tiracolo e voltou para casa com a mãe.

Escolheu a obra *O morro dos ventos uivantes* para guardar o ingrediente principal da sua simpatia. Depois de pôr cuidadosamente o cravo entre as páginas, recolocou o livro na estante, ansiosa para que os próximos três dias passassem logo.

No domingo à noite, Deise foi dormir por volta das 23 horas. Estava quase pegando no sono, quando ouviu que batiam na janela do quarto. Pensando que fosse eu, acendeu a luz do abajur e, silenciosamente, fez correr a veneziana de madeira. Para surpresa da minha amiga, pulou para dentro uma menina de uns sete anos de idade. Trazia o cabelo em duas tranças presas por fitas vermelhas. Depois de se recuperar do susto, Deise perguntou quem ela era. A garota,

olhando diretamente para os olhos da dona do quarto, devolveu a pergunta com outra:

– Onde está o que você roubou da minha casa?

A princípio, Deise não entendeu o que aquela garotinha queria e muito menos quem ela era. A janela continuava escancarada; a entrada da estranha menina foi seguida por uma lufada de ar gelado. A impressão era de que alguém havia deixado aberta a porta da geladeira. Quando se deu conta da estranheza da situação, arriscou balbuciar:

– Q-quem é você? E-eu não roubei nada...

A menina retrucou:

– Roubou, sim. Você foi na minha casa, lá no cemitério, e pegou uma coisa que é minha.

Deise se lembrou da inocente florzinha que colheu perto do túmulo da avó. Olhou para o rosto daquela menina; a meia luz do abajur deixava entrever a face pálida, os lábios arroxeados. O que mais a apavorou foram os olhos que, de um momento para o outro, perderam o brilho e ficaram opacos, quase brancos. Numa voz que parecia vir do fundo de uma fria e escura caverna, a garota vociferou:

– Se o que você pegou não estiver no mesmo lugar amanhã, eu retorno, mas não vou voltar sozinha! E aí você nunca mais vai roubar nada de ninguém.

Da mesma forma que entrou, a garotinha saiu. Só não levou junto com ela o frio que foi entrou na pele da minha amiga. Ela sentiu o sangue circular mais devagar, como se congelasse nas veias. Então, um soluço subiu pela sua garganta. Desesperada, trancou a janela e correu para o quarto da mãe.

No outro dia, Deise voltou com a mãe ao cemitério. Chegando ao túmulo da Vó Penha, minha amiga abriu *O morro dos ventos uivantes* e retirou rapidamente a florzinha de dentro; procurou a touceira perdida no meio dos jazigos. Avistou a plantação de cravo-de-defunto e ali jogou aquela que estava em seu poder. Olhando mais de perto, percebeu que as flores, de cores tão vivas, enfeitavam um velho túmulo de criança; abaixou-se para ver melhor a cruz enferrujada e leu a seguinte inscrição: Sara Lemos. 1908 – 1915.

Tentei conformar a minha pálida e angustiada amiga. Num momento desses, só as palavras podem dar algum conforto. Peguei na sua fria mão e disse:

– Eu senti desde o início que aquele livro não era boa coisa. Agora tudo passou; bola para frente, não é assim que se diz? Vamos esquecer tudo isso.

– Manu, tem mais uma coisa – sussurrou Deise.
– Lembra da letra que a simpatia revelaria?

– Sim, a letra do “grande amor da sua vida” – ironizei, tentando alegrar a situação. – Isso é tudo besteira, amiga...

– Então olha isto – disse ela, me interrompendo e colocando em minhas mãos *O morro dos ventos vivantes*.

Olhei para o velho exemplar aberto sob minhas pernas e não pude deixar de soltar um gemido: na página amarelada, o sumo do cravo-de-defunto havia manchado um sinistro S.